

OS ARQUIVOS DE LE CORBUSIER E BRASÍLIA

Georgete Medleg Rodrigues

No ano em que se comemora os 37 anos da capital brasileira, pesquisadores da história de Brasília, incluindo sua arquitetura e urbanismo, aproveitam a ocasião para refletir sobre a cidade em seus múltiplos aspectos. Saber que do outro lado do Atlântico uma parte dessa história está preservada é sempre uma notícia bem-vinda. Uma promenade por Paris revela ao passante atento e observador, tal como desejaria Walter Benjamin, algumas paisagens que lembram Brasília. A sede do Partido Comunista Francês (1967-1981), na Praça Colonel Fabian, saída da inspiração de Niemeyer; a Casa do Brasil, na Cidade Universitária; e até um bar batizado de "Brasília" são alguns dos registros monumentais ou sentimentais, a nos lembrar a capital brasileira. No 16ème Arrondissement, nos números 8 e 10 do Square du Docteur Blance, bairro elegante e burguês, uma parada obrigatória para os interessados na história de Brasília. Lá, na tranqüilidade própria das vilas,

construção da nova capital brasileira desde muito antes da construção. E não apenas pelos seus amigos brasileiros, Lúcio Costa e Oscar Niemeyer, mas por um amigo, também suíço como ele e radicado em Paris, que costumava visitar o Brasil, o escritor Blaise Cendrars, que se refere à nova cidade como "Planaltina". Vemos Le Corbusier manifestar interesse em ser o autor do Plano Piloto de Brasília em uma carta endereçada ao marechal José Pessoa, presidente da Comissão de Localização da Nova Capital, ressaltando porém que "o plano de urbanismo será feito pelos arquitetos brasileiros". Anexo, o arquiteto enviou um esquema de trabalho, prevendo as etapas de execução e até sua remuneração pessoal.

Correspondência de Le Corbusier ao cônsul do Brasil em New York, que o havia consultado sobre trabalhos relativos a planos de cidades novas, nos revela também a maneira como ele via a atitude do governo brasileiro de criar um con-

uma parte da história da capital brasileira está cuidadosamente preservada. Antiga residência do arquiteto suíço Charles-

Edouard Jeanneret, transformado em Le Corbusier quando se mudou para Paris em 1917, o local foi convertido num conjunto cultural reunindo museu, biblioteca e arquivo. Tudo muito bem cuidado, de acordo com a reconhecida competência francesa nessa área.

Criada por iniciativa do próprio Le Corbusier, morto em 1965, a Fundação Le Corbusier foi reconhecida como de utilidade pública por um decreto de 24 de julho de 1968. Ali o pesquisador tem acesso a uma parte fundamental da história da arquitetura, do urbanismo e do design do século XX, pois a entidade abriga um patrimônio importante de obras de arte, manuscritos, estudos de arquitetura, além de mobiliário deixado por Le Corbusier. Cerca de trinta mil plantas e croquis, quinhentos mil manuscritos, além de fotografias, estão à disposição do pesquisador. Para tanto, é necessário apenas marcar um rendez-vous no local. A sala de consulta é pequena mas confortável e suficiente para atender os que procuram a instituição. Um inventário do acervo — em 1991 ainda era preliminar — é colocado à disposição dos usuários. A biblioteca reúne um acervo importante sobre arquitetura, urbanismo e arte, além de teses publicadas em várias línguas.

Inspirador de toda uma geração de arquitetos no Brasil e no mundo, pela sua correspondência pessoal fica-se sabendo que Le Corbusier estava informado da

Um inventário do seu acervo — em 1991 ainda era preliminar — é colocado à disposição dos usuários. A biblioteca reúne itens importantes sobre arquitetura, urbanismo e arte, além de teses publicadas em várias línguas.

curso para a escolha do Plano Piloto. "Minha idéia pessoal é que o método de concursos é uma fraqueza de uma democracia (lâcheté démocratique). A obra de pessoas capazes pode ser avaliada pelas publicações que são amplamente informadas sobre esses trabalhos: os jornais, as revistas. Um governo que se respeita deveria ter a coragem de designar algumas per-

sonalidades capazes de constituir uma força apta a enfrentar as tarefas propostas", escrevia o arquiteto das cités radieuses.

Um pequeno exemplo das posições políticas de Corbu, como era chamado pelos mais íntimos, que, segundo Julius Posener, expressavam uma nuance "nietzscheana", de acreditar em uma "elite formada de indivíduos destacados". O que não o impediu de ter amigos em ambos os pólos do espectro político francês, tais como os fascistas Pierre Winter e François de Pierrefeu; o pintor Fernand Léger, simpatizante da esquerda, e o comunista Paul Vaillant-Couturier, para quem ele projetou um monumento.

Essas e outras correspondências de Le Corbusier com Lúcio Costa, Oscar Niemeyer, interessam particularmente àqueles que trabalham os diferentes aspectos da história de Brasília. Ou simplesmente para os estudiosos da arquitetura e do urbanismo. Os arquivos da Fundação Le Corbusier poderão suscitar questões ou responder indagações para quem aceitar a aventura de abordá-los.

■ Georgete Medleg Rodrigues é mestre em História pela Universidade de Brasília e doutoranda na Universidade de Paris IV - Sorbonne